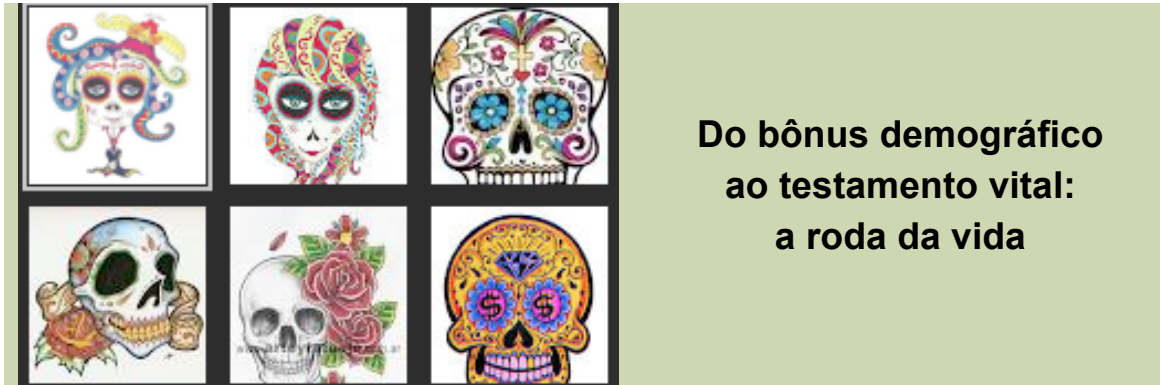


## Editorial



**J**unho 2015! O tempo cronológico, impiedoso no seu ritmo acelerado, nos confronta a cada dia. Tempo de viver! De refletir, sonhar, planejar o futuro! Na aceleração do tempo devemos buscar os sentidos maiores da vida. Para onde vamos?

Vivemos tempos de mudanças aceleradas. Progressos e retrocessos se alternam como os ponteiros do relógio. Como diriam os poetas: uma hora de amor não é nada, uma hora de dor é insuportável! Qual nosso caminho?

Vivemos o tempo da vida longa! Cada vez mais longa! O que faremos destes muitos anos que a ciência, o desenvolvimento tecnológico, e nosso estilo de vida tornaram possíveis? Como melhor viver, envelhecer, longeviver e, por que não pensar, morrer?

O panorama sociopolítico não nos parece promissor, pois, segundo estudos atuais, o Brasil está no fim do que denominam *bônus demográfico* – uma janela de oportunidade está se fechando. Com o aumento do grupo de dependentes, em contraposição à diminuição da população jovem, em um cenário econômico desolador, o futuro amedronta a sociedade no geral, penalizando uma de suas “pontas” mais frágeis – os velhos.

Este é o assunto importante e relevante que veremos abordado no artigo *O fim do bônus demográfico e o processo de envelhecimento no Brasil*, baseado em estudos.

É neste cenário que devemos pensar *De que velhice estamos falando?* Tema de artigo que apresenta alguns dos resultados de pesquisa bibliográfica, complementado com entrevista semiestruturada, que buscou problematizar a formação das imagens da velhice na contemporaneidade. As perguntas dirigidas a 47 indivíduos de diferentes faixas etárias foram: O que é a vida? O que é o envelhecer? Que imagem você tem da velhice na atualidade?

Duas das respostas indicam o arco que, de uma ponta a outra, nos apresenta a dupla imagem do envelhecer, nas extremidades do pessimismo radical, ao otimismo possível, como indicam estes dois trechos:

*[...] a velhice fica descartável porque ela não produz mais, não presta nenhum serviço na sociedade, nem na família, nem na produção. Então ela é uma coisa, com perdão da palavra, um lixo.*

*Acho que é ganhar sabedoria, ter mais paciência. Saber lidar com as pessoas, é isso.*

Podemos pensar que esses modos antagônicos de pensar, e talvez viver a velhice dependem da subjetividade de cada um, o modo único como se “apreende” o mundo. Devemos considerar o peso dos meios social e familiar, nos quais nascemos, vivemos e envelhecemos, e neles a importância das políticas públicas que deveriam, idealmente, nos proteger e preparar para viver e envelhecer. Elas existem, mas são eficientes? Qual o papel da formação dos profissionais, de diferentes áreas, na sua adequada aplicação? Assunto abordado em *Envelhecimento e os Programas de Educação Permanente no Brasil*.

O mesmo tema é abordado, de outro ângulo, por pesquisa de cunho qualitativo, nomeada *Equipe de Saúde e o cuidado da saúde mental do idoso*, que traz à discussão as experiências vividas por uma equipe de saúde atuante em Unidade Básica no cuidado da pessoa idosa, buscando “identificar o relacionamento equipe de saúde/população idosa, e as influências desse relacionamento nos cuidados a esse grupo”.

Nesse estudo, realizado junto a sete profissionais de diferentes áreas do programa de atendimento, foi solicitada a resposta a três questões: 1) No seu cotidiano de trabalho você atende quantos idosos por dia e qual a faixa de idade? 2) Nesses atendimentos o que você observa que chama mais atenção nessas pessoas? 3) Que dificuldades, desafios ou pontos positivos estão presentes nesses atendimentos? As respostas obtidas, que traduzem uma realidade cotidiana da prática, são um convite à leitura que pode trazer importantes reflexões, e novas questões, sobre a ação desses profissionais e a necessidade da sua sensibilização, suporte e educação continuada.

Os dois artigos nos fazem pensar na validade das políticas públicas, em tempos acelerados e impacientes, sem estrutura e suporte emocional para os profissionais que estão na “linha de frente” dos atendimentos à população idosa.

Nascemos e vivemos em um tempo e lugar, que pode ser um espaço físico e/ou emocional. Atualmente os deslocamentos são cada vez mais frequentes, e podem não trazer impacto, especialmente à população mais jovem. Mas, para

os idosos essas marcas de referências são como um porto seguro, referência e segurança. As mudanças atuais nos espaços familiares, nas suas estruturas e dinâmicas impactam a qualidade do envelhecimento de muitos, como abordado em *A Família e o Idoso – Reflexões* que tem como objetivos: analisar o idoso no contexto familiar, seu papel e os conflitos que dele decorrem.

O estudo de caso apresentado no artigo *Cuidando de Idosos Dependentes no Âmbito Domiciliar*, liga-se ao anterior pois o ambiente familiar é o espaço tradicional ao cuidar. A autora indica que “a análise dos dados mostrou que a idosa, dependente de sua família, necessita de mais afeto e atenção dispensada pelos familiares e [...] conclui-se que a falta de afeto e conhecimento sobre o processo de envelhecer dificultam o convívio familiar”.

No entanto, ao final, a autora questiona o fato de a idosa afirmar sempre que “está tudo ótimo”, como uma preocupação sobre o impacto de suas respostas.

Mas, por ter uma percepção derivada de uma convivência próxima, afirma que ela tende a superdimensionar os acontecimentos e, quando contrariada afirma “*eles querem me enterrar viva*”. Afirma ainda que apesar dos cuidados dos familiares ela não se satisfaz e “percebe-se que a paciente tem expectativa mais alta”. As ambiguidades observadas indicam claramente os desafios que o profissional, o idoso e seus familiares enfrentam no momento das fragilidades maiores.

Outra perspectiva é a de *Atividade Física no Envelhecimento: uma contribuição para a qualidade de vida*, que aborda a velhice ainda sem comprometimentos severos, momento no qual a atividade física pode ter um “efeito protetor [...] e instrumento positivo para a aquisição de uma vida saudável para o idoso”.

A manutenção da qualidade de vida e o envelhecimento ativo passam também por atividades que estimulem além da convivência, o raciocínio, o pensamento articulado com a escrita, e a produção literária, como exposto no relato de experiência realizada em grupo *A tessitura de fios de leitura, escrita e imagem em atividades com pessoas idosas*, cujo resultado foi a publicação de um livro.

Outra experiência relevante, nessa mesma linha, é relatada em *Resgate de memória e emoções: um passeio a Pinacoteca de São Paulo no “Projeto Meu Museu”*, atividade realizada para um grupo de idosos assistidos pelo Programa Acompanhantes de Idosos - PAI, da Secretaria de Saúde do município de São Paulo. Um dos depoimentos acentua a importância dos programas de apoio e incentivo a participação social dos idosos

[...] Eu achei maravilhoso, gostei muito, achei tudo muito bom, tinha coisa do meu tempo, coisa quando eu era criança, recordei o tempo, o quadro que o homem estava com o machado foi o que mais me chamou a atenção, porque eu fiz muito isso, cortei lenha, trabalhei na lavoura, tive sítio, fiz isso muitas vezes, fui cortar lenha. (M.L.)

Um ambiente de recuperação e reinserção social masculino foi o desafio enfrentado pelas autoras do relato *Oficina Memória Viva: Senhores da Casa de*

*Simeão*, no trabalho realizado voluntariamente, por seis semanas e grupo de 8 a 10 indivíduos, que descreve com clareza quem são esses indivíduos saídos de uma vida de abandono e rua, alcoólicos, afastados da família e que buscam um novo horizonte. Dois dos depoimentos mostram a força do trabalho:

*Quando eu soube, o que é Memória Viva? A 1ª vez vim meio borcoxô. Comecei a pegar o gosto e gostei cada vez mais. Aprendi muita coisa, ficava contente. O meu nome, por exemplo, nunca tinha pensado nisso [...]. (O.)*

*Nunca se esquece um ente querido que morre, marca para a vida toda. Essa lembrança do passado. O que se poderia viver hoje, seria bom se voltasse como era antes. Achei isso muito bacana, vou levar esses colegas para sempre. A lembrança que eu dormia na rua, com rato passando encima de mim, rato a morder o meu pé, a polícia que descia o cacete e dizia que ali não era lugar para dormir, me chamavam “vagabundo”, são histórias da rua. Isso estamos vivendo o passado e o futuro, já fui cheirador, hoje estou lutando pela vida. VIDA. (M.)*

Viver e longeviver com qualidade - acolhendo os fragilizados, apoiando as famílias, reatando laços – são os grandes desafios que se impõe, especialmente no panorama brasileiro. Múltiplas são as faces desse problema complexo, em seus aspectos biopsicossociais, dos quais a **edição de nº 45 da Revista Portal de Divulgação** apresenta alguns exemplos.

A última reflexão que propomos aos nossos leitores é sobre um tema relativamente “novo”, especialmente em nosso país. Sabemos como queremos viver, na plenitude de nossas capacidades, mas o que acontece quando a longevidade avançada se instala e as fragilidades físicas, mentais, emocionais predominam? Parece que ainda não estamos “prontos” para abordar o tema do Dossiê que fecha esta edição – *Testamento Vital. Estamos preparados?*

Viver e longeviver com qualidade - acolhendo os fragilizados, apoiando as famílias, reatando laços – são os grandes desafios que se impõe, especialmente no panorama brasileiro.

Abordar o tema Testamento Vital, a ser realizado quando se está com saúde controlada e lucidez, é um desafio. Para que pensar neste assunto “mórbido”, questionam alguns? Sabemos que a crescente expectativa de vida leva à fragilização, que vai se instalando em diferentes idades cronológicas, mas é inevitável no período da longevidade avançada, considerando o grupo de 80 anos e mais, em direção a terminalidade da vida. Neste momento podemos ter o benefício do Testamento Vital.

O que é o Testamento Vital? Quais são seus aspectos jurídicos e gerontológicos? Como expressar essa vontade de um fim sem sofrimentos prolongados, quando a melhora não é prognosticada? Qual é o direito de morrer dignamente, nos casos nos quais os pacientes se encontram em fase terminal da vida e ou sendo submetidos a tratamentos muito invasivos e com muito sofrimento? Se o paciente estiver lúcido e capaz, ele deve decidir se quer ser submetido a esses tratamentos ou se prefere as medidas de conforto e os cuidados paliativos?

As considerações de dois experientes profissionais, médico e advogada, em seus artigos *A Ética Médica e a Terminalidade de Vida* e *O Testamento Vital e seus aspectos jurídicos e gerontológicos*, são bases sólidas que embasam essa importante discussão sobre os caminhos da vida, até seu fim.

E quem afirma com coragem e lucidez *Eu fiz o meu!*

Como pensar a morte em vida?  
Mas, o que é a vida? O que é a morte?  
Estamos preparados?

Boa Leitura! Novas reflexões! E a vida segue...

*Beltrina Côrte e Vera Brandão*  
Editoras

